

## Parte II – Banco de materiais educativos sobre DST/Aids e temas afins

7 - Banco de materiais: desenvolvimento e estímulo a novas pesquisas

Eliane Vargas  
Simone Monteiro

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

VARGAS, E., and MONTEIRO, S. Banco de materiais: desenvolvimento e estímulo a novas pesquisas. In: MONTEIRO, S., and VARGAS, E. orgs. *Educação, comunicação e tecnologia educacional: interfaces com o campo da saúde* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, pp. 143-157. ISBN: 978-85-7541-533-7. Available from: doi: [10.7476/9788575415337](https://doi.org/10.7476/9788575415337). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/9n7jy/epub/monteiro-9788575415337.epub>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PARTE II – Banco de Materiais Educativos  
sobre DST/Aids e Temas Afins

## 7. BANCO DE MATERIAIS: DESENVOLVIMENTO E ESTÍMULO A NOVAS PESQUISAS

Eliane Vargas & Simone Monteiro

Este artigo tem como propósito fomentar investigações e reflexões sobre o desenvolvimento e avaliação do uso de tecnologias educacionais nacionais sobre DST/HIV/Aids e temas afins, reunidas na “Listagem do Banco de Materiais: *folders*/folhetos, manuais e jogos”. Além de descrever o processo de elaboração do Banco de Materiais Educativos do Laboratório de Educação em Ambiente e Saúde (Leas) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC), o texto trás uma reflexão sobre a sistematização da produção que integra o referido Banco.<sup>1</sup>

Trata-se de uma análise sobre a produção de materiais desenvolvidos na década de 1990, com vistas ao estabelecimento de interfaces entre os campos da educação, saúde, comunicação e tecnologia educacional. Posteriormente será divulgada a listagem de recursos educativos comumente produzidos e utilizados no campo da saúde, tais como *folhetos/folders*, manuais e jogos educativos do Banco citado.

O Banco de Materiais do Leas consiste no resultado do levantamento da produção nacional dos chamados materiais educativos<sup>2</sup> sobre DST/Aids e temas afins, como drogas, saúde sexual e reprodutiva, que reúne publicações diversificadas (livros, *folders*/folhetos, manuais, catálogos, vídeos etc.) editadas no âmbito governamental e não-governamental. A partir do tratamento técnico das publicações, que consiste na análise temática e descritiva apresentada a seguir, pretende-se fomentar pesquisas relativas à produção nacional ca-

<sup>1</sup> Esta descrição foi contemplada no X Yoste Symposium (Vargas, Monteiro & Rebello, 2002).

<sup>2</sup> O uso da terminologia material educativo tem sido mais recorrente, mas também pode ser encontrado o termo recurso pedagógico ou educativo, comumente utilizados com o mesmo sentido.

pazes de orientar futuras políticas na área da Informação, Educação e Comunicação (IEC). Ressalta-se que essa proposta possibilita aos profissionais dedicados à educação e à assistência à saúde o acesso a uma fonte de recursos e de pesquisas, em geral dispersas, capaz de auxiliar no planejamento, reflexão das ações e pesquisa no campo da prevenção.<sup>3</sup>

A dispersão de informações referida tem por base alguns investimentos em pesquisa neste campo que indicam de forma geral uma defasagem entre o pólo produtor, a distribuição e o acesso aos materiais educativos. Vargas (1998), por exemplo, chama a atenção para os problemas de acesso dos profissionais de saúde às fitas de vídeos com finalidade educativa produzidas sobre sexualidade e temas afins. Seu estudo revela um distanciamento entre a produção de materiais e os usuários dos 'vídeos educativos', que se reflete na quase inexistência de estudos nesta área. Estas informações não mereceriam destaque maior, não fosse pelo conhecimento de um número considerável de títulos, particularmente os voltados para a área da saúde, revelado por vários catálogos disponíveis, conforme levantamento de 60 títulos analisados no trabalho.<sup>4</sup>

Demais estudos atestam a importância da contribuição dos acervos em investigações no campo da saúde, bem como a necessidade de reunir esforços para uma maior sistematização dos mesmos. Entre eles ganham destaque o trabalho de Pina (2004), sobre a análise semiótica da representação da mulher em 48 cartazes de DST/Aids do Ministério da Saúde, no período de 1986 a 2003; e o de Melo (1993), sobre a produção de 'entidades feministas' em 99 títulos vídeos no período de 1981 a 1992. Este constata um grande investimento na produção de vídeos em contraste com a precariedade na sistematização de informações, divulgação e circulação deste tipo de produção.

<sup>3</sup> Convém informar que os dados das publicações do Banco de Materiais estão disponíveis para a comunidade acadêmica por meio do Consórcio de Informações Sociais (CIS), mantido pelo Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Democratização e Desenvolvimento (Naad) da USP e pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs). O Banco também foi doado para a Biblioteca Virtual em saúde do Ministério da Saúde. Ver em: <[www.saudepublica.bvs.br](http://www.saudepublica.bvs.br)>.

<sup>4</sup> A existência de um descompasso entre 'produção' e 'consumo' desses recursos torna-se mais evidente se contrastarmos a precariedade do acesso à ênfase dada nas diretrizes, por exemplo, da IX Conferência Nacional de Saúde (1992). Nessa Conferência foram apontados como elementos essenciais para a implantação do Sistema Único de Saúde (SUS), a informação, a educação e a comunicação na área da saúde, utilizando a tecnologia da transmissão de imagem e áudio via satélite com vistas à difusão de programas e vídeos educativos no campo da saúde.

Com base nestas iniciativas, observa-se serem pouco visíveis as relações entre produção e distribuição, acesso e consumo de ‘vídeos’, em que pesem os esforços e iniciativas de bibliotecas em termos de organização de acervos, bem como de estratégias de distribuição da produção para instituições e grupos. Quanto à organização dos acervos e sua divulgação, merece destaque, para além de seu uso no âmbito da produção de serviços, seu valor como material de pesquisa e investigações nas diversas áreas do conhecimento. Sob este aspecto deve-se considerar a necessidade de uma melhor elaboração das categorias classificatórias desses recursos com vistas a oferecer subsídios relevantes à pesquisa. O alcance desses objetivos requer muitos investimentos e consiste em um desafio. No que diz respeito ao Banco de Materiais do Leas, cabe chamar a atenção para o grande esforço operado no sentido de tornar mais evidentes, aos interessados pelo tema, os critérios utilizados para a definição de cada um deles. Ressalta-se ainda que especificamente as classificações dos temas e públicos exigiram maior atenção, pois os temas nem sempre se encontram explicitados nos recursos e muito menos com relação ao público para o qual estão direcionados. Particularmente, com relação a este último, consideramos bastante pertinente um esforço maior de definição das categorias classificatórias devido ao grande debate no campo das ciências sociais que envolve a constituição da identidade dos sujeitos sociais na modernidade. Ainda que de forma incipiente, os resultados aqui indicados seguem nessa direção, como apresentado ao longo desse texto. Começaremos por descrever, de forma detalhada, os caminhos de conversão do acervo em Banco de Materiais.

O processo de desenvolvimento do Banco de Materiais compreendeu duas fases. A primeira diz respeito à ampliação e organização do acervo de materiais existente no Leas, fruto de pesquisas voltadas para a elaboração de materiais educativos sobre prevenção da DST/HIV/Aids e do uso indevido de drogas (Monteiro & Rebello, 2000). O processo de incorporação de novos materiais foi realizado a partir das respostas às correspondências enviadas a 45 Editoras, 49 ONGs brasileiras e programas governamentais na área da educação em saúde, ao longo do ano de 2000. A segunda fase correspondeu à etapa de informatização dos dados e tratamento técnico dos materiais, visando tanto à localização dos mesmos no acervo quanto ao acesso às informações que

forneceriam os dados empíricos para futuras análises e investigações. Esta etapa foi realizada por profissionais da área de biblioteconomia<sup>5</sup> e envolveu os seguintes procedimentos:

- 1) Desenvolvimento de uma ficha para classificação detalhada do acervo segundo os indicadores: tipo de publicação,<sup>6</sup> público-alvo e temas;
- 2) Catalogação dos materiais com base no Código de Catalogação utilizado nas bibliotecas – o AACR2;
- 3) Indexação dos assuntos, utilizando método de indexação ‘pré-coordenado’<sup>7</sup> e ‘pós-coordenado’<sup>8</sup> em duas etapas;
- 4) Estruturação do índice de assuntos; trata-se de vocabulário controlado retirado das próprias publicações, que possibilita as combinações para buscas pré-estabelecidas e a indexação de novos materiais.
- 5) Tratamento técnico dos materiais, caracterizado pela análise temática e descritiva. A análise temática se define pela indexação (da temática principal e do público-alvo) e pela classificação (segundo o tipo de material: folheto; *folder*, manual, livro, periódico e tese) dos materiais. A análise descritiva refere-se à descrição física do material (autor, título, editor, edição, local, data, paginação).

Em um momento posterior a essas duas fases, procedeu-se a uma revisão do Banco, visando à uniformização e padronização das informações contidas no mesmo, de forma a delimitar o universo de análise e uma nova ampliação do Banco. Desta vez, o objetivo foi incorporar informações sobre recursos educativos oriundos de outros acervos, tais como: Secretaria Municipal de Saúde/RJ, Centro de Documentação da Associação Brasileira Interdisciplinar de Aids (Abia, 1998), Catálogos Prisma do Núcleo de Saúde do Adolescente/ UERJ (Barros et al., 1999) e Odebrecht (Odebrecht, 1994). Nessa etapa construiu-se uma padronização dos temas (gerais e específicos) e do público-alvo, constantes nas publicações dos acervos, que pudesse fornecer indicadores para

<sup>5</sup> Agradecemos a participação de Catia e a Fabiana Silva no desenvolvimento desta etapa do trabalho.

<sup>6</sup> Para a classificação, foram utilizados os parâmetros: livro (mais de 42 páginas), folhetos (até 42 páginas), *folder* (dobradura), manual; catálogo; vídeos, teses, cadernos/revistas e boletins.

<sup>7</sup> Método de combinação dos termos para a busca estabelecida previamente.

<sup>8</sup> Método de combinação dos termos para a busca não estabelecida.

análises, quantitativas e qualitativas, acerca das publicações. A realização desse procedimento foi informada pela leitura dos materiais. A criação de listagens, tanto para a categoria tema quanto para público-alvo, exigiu um detalhamento que possibilitasse explicitar com maior clareza a ênfase dada aos materiais, conforme demonstrado a seguir.

### LISTAGEM DE TERMOS PARA CLASSIFICAÇÃO DA CATEGORIA ‘TEMA’

Adotou-se como metodologia a descrição de cada material em relação a três termos: um primeiro termo genérico, um segundo específico e um terceiro que corresponde a um detalhamento do termo específico. O trabalho de classificação consiste na organização dos dados realizada por escolhas e estabelecimento de critérios que podem variar. Esse é um esforço que tem como propósito abarcar o maior número possível de informações sobre os recursos produzidos, conforme indica a o Quadro 1.

### LISTAGEM DE TERMOS PARA CLASSIFICAÇÃO DA CATEGORIA ‘PÚBLICO-ALVO’

Trata-se de uma classificação que almeja a caracterização do público (ou população como comumente se denomina) para o qual estão dirigidas as mensagens e/ou informações presentes nos materiais educativos. O detalhamento dessa caracterização foi feito com base nas categorias usualmente encontradas nos recursos educativos, particularmente aqueles que compõem os acervos já mencionados. Na definição das categorias de público-alvo levou-se em conta, além de seu uso corrente nos materiais levantados, a necessidade de incorporar atributos classificatórios (geralmente pouco explícitos nos materiais) que contribuem para uma melhor delimitação dos grupos populacionais no que se refere à identidade sociocultural de segmentos populacionais e ao contexto social. Assim, foram definidos três campos: 1) Fase da vida, que corresponde à etapa cronológica; 2) Grupos populacionais que remetem a um agrupamento por identidade profissional, atributo físico ou orientação sexual; 3) Contexto de aplicação relativo ao ambiente de uso do material. No Quadro 2 encontram-se descritas as categorias utilizadas.

Quadro 1 – Termos para a classificação dos materiais educativos por tema

TERMO GENÉRICO	TERMO ESPECÍFICO	DETALHAMENTO DO TERMO ESPECÍFICO
Aids	Acidentes	Aborto
Cidadania	Aconselhamento	Adesão ao medicamento
Drogas	Amamentação	Adolescente
DST	Aspectos psicológicos	Agente comunitário
Educação	Aspectos religiosos	Colo do útero
Juventude	Aspectos económicos	Comunidade
Meio ambiente	Aspectos epidemiológicos	Criança
Movimento social	Aspectos Sociais	Deficiente físico
Saúde	Assédio	Desenvolvimento de materiais
Saúde reprodutiva	Assistência Clínica	Doenças oportunistas
Sexualidade	Bioética	Efeitos fisiológicos
Tuberculose	Câncer	Empresa
Violência	Ciências Básicas	Escolas
	Desenvolvimento tecnológico	Família
	Direitos	Fluxo de pacientes
	Discriminação	Forças armadas
	Doméstica	Homem
	História	Homossexual
	Nutrição	Infeção hospitalar
	Políticas (diretrizes)	Informação
	Prevenção	Jovens de rua
	Reabilitação	Líderes hispanos
	Sistema de informação	Local de trabalho
		Mama
		Maternidade/Paternidade
		Métodos anticoncepcionais
		Medicamento
		Meios de comunicação
		Mulher
		Órfãos
		Preservativo masculino/feminino
		Profissional do sexo
		Próstata
		Raças
		Sangue
		Solidariedade
		Soropositivo

Fonte: Banco de Materiais Educativos do Leas/Biologia/IOC.



Quadro 2 – Termos para a classificação dos materiais educativos por público-alvo

FASE DA VIDA (1)	GRUPOS POPULACIONAIS (2)	CONTEXTO DE APLICAÇÃO (3)
Adolescente	Agente de saúde	Ação comunitária
Adulto	Balconista	Empresa
Criança	Deficiente visual	Ensino formal
Homem	Diabético	Ensino informal
Idoso	Escolar	Família
Infanto -juvenil	Farmacêutico	IEC em Saúde/Mídia
Mulher	Gestante	Religião
	Gestor	Serviço de saúde
	Hemofílico	Divulgação científica/Pesquisa
	Homossexual	
	Órfão	
	Pais	
	Pesquisador	
	População carcerária	
	População de rua	
	População geral	
	Professor	
	Profissional da educação	
	Profissional da saúde	
	Profissional do sexo	
	Proprietário de farmácia	
	Soropositivo	
	Trabalhador	
	Universitário	
	Usuário de drogas	

Fonte: Banco de Materiais Educativos do Leas/Biologia/IOC.

Sendo comumente usado o termo ‘público-alvo’ no contexto das práticas educativas/preventivas, ele foi aqui analisado com o objetivo de promover uma melhor organização dos dados e, conseqüentemente, permitir uma visualização da produção em seu conjunto. Nesse sentido, cabe chamar a aten-

ção que o termo ‘público-alvo’ encontra-se pouco refletido tanto teoricamente quanto no âmbito das ações e proposições educativas/preventivas. Em termos de sua definição, considera-se tal categoria como correspondendo ao grupo populacional para o qual são enunciadas as mensagens presentes nos recursos educativos. Vale salientar que nos materiais do Banco analisados não consta uma classificação dos títulos que explicita o ‘público-específico’ para o qual estariam direcionadas tais mensagens. Foi necessário, portanto, identificá-lo pelas sinopses dos conteúdos e de alguns títulos.

Outra questão pertinente à presente reflexão se refere à correlação, que merece ser aprofundada, entre as temáticas abordadas e o os públicos-alvos das mensagens. *Grosso modo*, observa-se, na relação entre as temáticas e o público, a presença dos modelos preventivos e/ou assistenciais voltados para certos grupos populacionais, característicos das intervenções no campo da saúde coletiva. O fenômeno da gravidez na adolescência, fortemente marcado pelos saberes biomédicos, é um exemplo do que se quer dizer na medida em que a abordagem desse tema no contexto educativo enfatiza a ‘prevenção’ da gravidez e o ‘risco’ de engravidar para o público adolescente. Estudos nessa área têm chamado a atenção para os diferentes sentidos da gravidez adolescente tanto em camadas médias quanto em camadas populares (Cabral, 2002; Brandão, 2003).

Assim, orientando-se pela lógica do risco, conceito fundamental da epidemiologia moderna, tais modelos distinguem grupos e segmentos populacionais específicos que requerem mais cuidados por sua maior exposição às doenças (Castiel, 1994). Configurados através deste modelo, estes grupos constituem-se em objeto das intervenções educativas/preventivas em saúde nas quais prevalece a persuasão sobre os riscos como princípio orientador com base em informações de natureza epidemiológica. No entanto, percebe-se que estes modelos sobrepõem-se a outros como aqueles voltados ao fortalecimento da autonomia e à incorporação dos valores socioculturais. É o que se observa dentro do mesmo exemplo do tema da gravidez e adolescência. A abordagem educativa sobre esse tema contém as marcas do discurso biomédico associada a orientações que levam em conta a necessidade do autoconhecimento, das relações amorosas e de uma visão ampla da sexualidade. Isto sugere que pressupostos diversos caracterizam a intencionalidade dessas propostas não

sendo possível afirmar uma total predominância de intervenções apoiadas no enfoque de risco, embora sua presença se faça marcante.

Com relação ao conjunto da produção, cabe ressaltar ainda que os títulos levantados correspondem à década de 1990. No entanto, algumas considerações sobre o contexto de produção desses materiais, na década de 1980, devem ser feitas por sua importância em termos da consolidação de políticas sociais mais afinadas com as reivindicações dos movimentos sociais por melhorias das condições de atendimento à saúde e educação e, conseqüentemente, por mudanças nas concepções que apóiam a abordagem da sexualidade e da reprodução e questões do corpo a elas relacionadas. Operando com um conjunto de instrumentais teórico-metodológicos que auxiliam as intervenções e as análises dos determinantes sociais sobre o processo de saúde/doença, as propostas alternativas metodológicas consolidadas na década de 1980 emergem das restrições ou críticas ao chamado ‘modelo biomédico’. Ressalta-se aqui a contribuição das abordagens qualitativas<sup>9</sup> na estruturação e análise dos processos educativos preventivos em saúde que têm incorporado o uso de tecnologias educacionais. As ‘metodologias’ anteriormente indicadas – propondo a incorporação do saber popular e de práticas alternativas nas ações e investigações em saúde – voltavam-se para a promoção de mudanças necessárias às identidades institucionais como resposta às demandas de saúde, tendo em vista a melhoria da qualidade de vida dos cidadãos. Nesse sentido, os materiais educativos (vídeos, jogos etc.), como um meio de produção de mensagens, têm sido incorporados às ações de natureza educativa, visando introduzir novas questões e concepções na abordagem dos temas de saúde.

Tendo esse contexto como pano de fundo, verifica-se que a década de 1980 se caracterizou pela expansão da produção de materiais educativos voltados para temas relacionados ao comportamento sexual. Estes podem ser caracterizados amplamente e de maneira mais visível como produções sobre a temática da mulher e das relações de gênero, embaladas pelo movimento de mulheres cujas ações e intervenções almejavam à politização da intimidade, voltando-se para as relações do cotidiano na esfera do privado. Um exemplo

---

<sup>9</sup> Um investimento promissor nesse sentido tem sido o Curso Regionalizado em Metodologia de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Saúde Reprodutiva (Heilborn & Barbosa, 2003).

ilustrativo do que se quer dizer pode ser encontrado em Melo (1993) que realiza um estudo específico sobre vídeos educativos feministas, conforme já mencionado. A partir de um extenso levantamento dos vídeos produzidos por ‘entidades feministas’ e ‘mulheres realizadoras’, entre 1981 e 1992, nas videotecas de em São Paulo, a autora constata a existência de um grande investimento na produção de vídeos que contrasta com a precariedade na sistematização de informações, divulgação e circulação da produção para além dos limites das ações do movimento. Um outro ângulo dessa discussão, também citado anteriormente, foi apresentado por Vargas (1998) que, além de corroborar esses resultados, aponta para a escassez de trabalhos de avaliação de materiais educativos, bem como para uma reduzida problematização teórico-metodológica nesse campo. Nesse sentido, o autor sugere a existência de um distanciamento entre as iniciativas de produção de recursos pedagógicos e o consumo dos mesmos pelo usuário –, ‘público-alvo’ das ações preventivas.

Por fim, compreende-se que os dados sobre temas e públicos-alvos predominantes no Banco de Materiais contribuem para a identificação das tendências da produção nesse campo. Os dados levantados permitem ainda refletir sobre a existência de lacunas nas abordagens educativas e preventivas, como a necessidade de ações de saúde mais integradas em relação à Aids e à saúde reprodutiva. Ademais, as informações reunidas indicam a importância de se refletir sobre as definições da categoria público-alvo, visando à análise das concepções de identidade sociocultural, sexual e de gênero a ela associada.

Com o propósito de estimular novas reflexões sobre a produção de tecnologias educacionais na área da prevenção da DST/HIV/Aids e temáticas associadas, será fornecida (em anexo) uma relação de materiais educativos extraída do Banco de Materiais. Na impossibilidade de apresentar todas as modalidades de materiais existentes no mesmo, elegemos os do tipo folheto/*folder*, manual e jogos educativos por sua relevância na utilização com a população usuária dos serviços e com profissionais de saúde em propostas educativas preventivas e pela escassez de sistematizações dessas produções nas bibliotecas, serviços públicos e organizações não-governamentais (Lopes & Pimenta, 2003). Nesta apresentação, serão destacados a classificação dos materiais por ‘título’, ‘subtítulo’, ‘editor’, ‘local’, ‘data’, ‘público-alvo’, ‘tema’ e ‘fonte’, considerados necessários para se proceder a uma caracterização mais geral do acer-

vo e fonte de investigações e demais investimentos em avaliação e desenvolvimento de materiais no campo da saúde.

Em suma, a análise aqui desenvolvida busca demonstrar que a sistematização e a reflexão acerca do acervo de materiais educativos, desenvolvidos no âmbito de programas de prevenção das DST/Aids, potencializam a identificação das iniciativas e lacunas desse tipo de produção. Tal perspectiva enfatiza que este consolidado de informações consiste em uma etapa fundamental não só da pesquisa, mas das proposições no âmbito das políticas públicas em termos da recorrência dos assuntos ou da compreensão sobre temas mais afinados com as necessidades relativas à educação no campo da saúde. Sob este aspecto, algumas lacunas já puderam ser identificadas na literatura, como a falta de integração de certos conteúdos na abordagem dos materiais de prevenção relativos à saúde reprodutiva (Barros et al., 1999). A necessidade de inclusão de novos temas, prementes nas agendas governamentais e não-governamentais, também coloca como questão de pesquisa os desafios na elaboração de modelos educativos preventivos mais complexos. Estes encontram no campo da comunicação em saúde poderosos aliados, haja vista a importância das interfaces entre os inúmeros componentes determinantes das condições de vulnerabilidade ao HIV/Aids nas estratégias educativas/preventivas.

Com base no levantamento das iniciativas identificadas pode ser dito que os investimentos nas ações de Informação, Educação e Comunicação (IEC) têm sido expressivos no âmbito das políticas públicas, mas as análises acerca da qualidade e repercussão dessa produção ainda são pontuais. É necessário, portanto, avaliar os modos através dos quais tais trabalhos têm contribuído para o aprofundamento teórico metodológico sobre o uso de tecnologias educacionais aplicadas à saúde. Nesse sentido, a presente análise do Banco visa colaborar para uma maior visibilidade dos tipos, temáticas e públicos-alvos das publicações que se convencionou chamar de ‘materiais educativos’ e, desta forma, estimular uma reflexão acerca das interfaces entre os campos da tecnologia educacional, da educação e da comunicação que servem de apoio às ações pedagógicas no campo da saúde.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR DE AIDS (ABIA) *Catálogo de Organizações Comunitárias com Centros de Documentações*. Rio de Janeiro: Abia, 1998.
- BARROS, C. R. P. et al. *Catálogo Projeto Prisma – região Sudeste*. Rio de Janeiro: Nesa/Uerj, 1999.
- BRANDÃO, E. R. *Individualização e Vínculo Familiar em Camadas Médias: um olhar através da gravidez na adolescência*, 2003. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro: IMS/Uerj.
- CABRAL, C. *Vicissitudes da Gravidez na Adolescência entre Jovens das Camadas Populares do Rio de Janeiro*, 2002. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: IMS/Uerj.
- CASTIEL, L. D. *O Buraco e o Avestruiz: a singularidade do adoecer humano*. Campinas: Papirus, 1994.
- HEILBORN, M. & BARBOSA, R. Sexuality research training in Brazil. In: MAURO, D.; HERDT, G. & PARKER, R. (Eds.) *Handbook of Sexuality Research Training Initiatives*. Nova Iorque: Social Science Research Council, 2003.
- LOPES, A. & PIMENTA, C. (Orgs.) *Como Montar um Centro de Documentação: democratização, organização e acesso ao conhecimento*. Rio de Janeiro: Abia, 2003.
- MELO, J. V. *Trabalho de Formiga em Terra de Tamanduá – a experiência feminista com vídeo*, 1993. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/ECA/USP.
- MONTEIRO, S. & REBELLO, S. Prevenção do HIV/Aids e do uso indevido de drogas: desenvolvimento e avaliação de jogos educativos. In: ACSELRAD, G. (Org.) *Avessos do Prazer: drogas, aids e direitos humanos*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.
- FUNDAÇÃO EMÍLIO ODEBRECHT. *Inventários de Materiais Educativos sobre Saúde Reprodutiva e Educação Sexual para Adolescentes*. Bahia: ODEBRECHT/Advocates for Youth, 1994.
- PINA, E. R. *A Representação da Mulher nos Cartazes das Campanhas do Ministério da Saúde em Aids: visibilidades e silêncios*, 2004. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde/CCS/UFRJ.
- VARGAS, E. *Sexualidade e Corpo: o olhar do sujeito através das imagens em vídeo*, 1998. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Nutes/UFRJ.
- VARGAS, E., MONTEIRO, S. & REBELLO, S. Aids and reproductive health: an analysis of the production of educational technology. In: ANAIS DO PROCEEDINGS OF X IOSTE SYMPOSIUM, Foz do Iguaçu, I, 2002, p. 199-208.